



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**A EDUCAÇÃO AVA-GUARANI COMO PROCESSO DE FORMAR PESSOAS
AUTÔNOMAS**

ALBERTO MBARAKA MIRI VOGADO

Foz do Iguaçu
2025



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
HISTÓRIA – LICENCIATURA

A EDUCAÇÃO AVA-GUARANI COMO PROCESSO DE FORMAR PESSOAS
AUTÔNOMAS

ALBERTO MBARAKA MIRI VOGADO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
ao curso de História – Licenciatura, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Antonio
Brighenti

Foz do Iguaçu
2025

Resumo

O presente artigo aborda a temática da educação no universo Guarani. Serão apresentados os elementos que compõem o processo educativo na dimensão sociocultural, que denominamos teko (cuja pronúncia é enfatizada na vogal 'ó', resultando em 'tekó'). Para tanto, a metodologia empregada incluirá a exposição de conceitos, abordagens metodológicas e a identificação dos espaços privilegiados para a educação. A pesquisa foi desenvolvida no Tekoha Ocoy, em São Miguel do Iguçu, fundamentada em nossa experiência e vivência na cultura do nosso povo, o nhanderekó (que significa 'nossa cultura', 'nosso modo de vida', 'nosso sistema'). Adicionalmente, foram utilizados artigos de pesquisadores que discorreram sobre o tema, predominantemente não indígenas, visto que a produção escrita por indígenas sobre nossos conhecimentos ainda é incipiente. Os conceitos da história indígena são cruciais para compreender as transformações e permanências históricas do modo de educar, bem como a forma pela qual essa prática tem sofrido imposições tanto no âmbito social quanto na perspectiva escolar, ambos oriundos do mundo ocidental. Contudo, apesar das imposições, percebemos a continuidade de nossa prática ancestral, embora modificada e adaptada, mas sempre intrinsecamente Guarani. Este estudo visa contribuir para o debate sobre a escolarização, analisando as convergências e divergências que a educação escolar, mesmo quando inserida no contexto da escola Guarani, estabelece com a educação tradicional do nosso povo.

Palavras-chave: Educar; Guarani; Tekoha; Tradição; Autonomia

Resumen

El presente artículo aborda la temática de la educación en el universo Guaraní. Se presentarán los elementos que componen el proceso educativo en la dimensión sociocultural, que denominamos teko (cuya pronunciación se enfatiza en la vocal 'ó', resultando en 'tekó'). Para ello, la metodología empleada incluirá la exposición de conceptos, enfoques metodológicos y la identificación de los espacios privilegiados para la educación. La investigación se desarrolló en Tekoha Ocoy, en São Miguel do Iguçu, fundamentada en nuestra experiencia y vivencia en la cultura de nuestro pueblo, el nhanderekó (que significa 'nuestra cultura', 'nuestro modo de vida', 'nuestro sistema'). Adicionalmente, se utilizaron artículos de investigadores que discurren sobre el tema, predominantemente no indígenas, dado que la producción escrita por indígenas sobre nuestros conocimientos aún es incipiente. Los conceptos de la historia indígena son cruciales para comprender las transformaciones y permanencias históricas del modo de educar, así como la forma en que esta práctica ha sufrido imposiciones tanto en el ámbito social como en la perspectiva escolar, ambos originarios del mundo occidental. Sin embargo, a pesar de las imposiciones, percibimos la continuidad de nuestra práctica ancestral, aunque modificada y adaptada, pero siempre intrínsecamente Guaraní. Este estudio busca contribuir al debate sobre la escolarización, analizando las convergencias y divergencias que la educación escolar, incluso cuando se inserta en el contexto de la escuela Guaraní, establece con la educación tradicional de nuestro pueblo.

Palabras clave: Educar; Guaraní; Tekoha; Tradición; Autonomía

Moñe'ẽmbyky

Ko haipyvópe oñehesa'ỹijóta tekombo'e rehegua Guarani apytépe. Ojekuaaukáta umi mba'e oĩva tekombo'e ryepýpe pe jeikoha reko sociocultural-pe, ñambohérava teko (oñemboguatáva pu'ae 'ó'-pe, upéicha ha'eva'erã 'tekó'). Upévare, pe tape ojeipurútava ohechaukáta umi kuaapyrã, tape ñehesa'ỹijorã ha ojekuaaukáta umi tenda iporavopyréva tekombo'erã. Ko tembiapo apopyrã ojejapo Tekoha Ocoy-pe, São Miguel do Iguaçu-pe, oñemopyendáva ore rembiasakue ha ore rekópe ore tavaygua apytépe, pe nhanderekó (he'iséva 'ñande reko', 'ñande rekove rape', 'ñande reko tee'). Avei, ojeipuru umi haipyre ojavova'ekue umi tembikuaarekahára oñe'ẽva'ekue ko mba'ére, hetavéva ndaha'éiva ñande ypykuéra, oĩgui sa'i gueteri umi haipyre ojavóva ypykuéra oikuaaukávo ore arandu. Umi kuaapyrã ñande ypykuéra rembiasakue rehegua iñimportanteterei ojekuaa hağua umi ñemoambue ha umi opytáva ñande reko tekombo'épe, ha avei mba'éichapa ko jepokuaa ohasa'asy umi ñembobo'a tekohápe ha mbo'ehaópe, mokõivéva ou yvy pytagua rekógui. Upeicharõ jepe, umi ñembobo'a oĩramo jepe, rohechakuaa opytaha gueteri ore jepokuaa ypykue, oñemoambue ha oñemboheko pyahúramo jepe, áğa katu opytaitéva ijeheguiete Guarani rekópe. Ko tembiapo oipytyvõse pe ñomongetarã mbo'ehao rehegua, ohesa'ỹijóvo umi ojoajúva ha ojoavýva pe tekombo'e mbo'ehaópe, oikéramo jepe mbo'ehao Guarani ryepýpe, ore tavaygua tekombo'e yma guare ndive.

Ñe'ẽ tee: Tekombo'e; Guarani; Tekoha; Tavarandu; Sãso.

Introdução

O presente artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de curso de História Grau Licenciatura, na Universidade Federal da Integração Latino-americana, aborda um tema bastante importante para nosso povo, a educação Guarani. Não vamos falar da escola ou do processo de educação escolarizada, mas da forma como os conhecimentos são transmitidos para nossas crianças e como nossas crianças são ensinadas.

A antropóloga Clarice Cohn (2021) dedicou seus estudos a conhecer a fundo a relação das crianças nos mundos indígenas. Seus estudos ajudam a conhecer melhor a educação das crianças no mundo Guarani. Segundo a antropóloga “as crianças, testemunham muitos etnólogos, são em muitos casos suas companhias mais frequentes. Com frequência também, contam como muito do que aprendem para viver nestes mundos antes desconhecidos vieram das crianças e de sua convivência com elas”.

Porém, observa a pesquisadora, que as crianças desaparecem dos textos e das análises. Ao longo da produção etnográfica, o tema das crianças ficou relegado a segundo plano. Apenas nas últimas décadas passaram a fazer parte da etnografia.

Mais do que isso, nas últimas décadas, uma literatura extensa e de grande qualidade tem se dedicado ao estudo das crianças indígenas. Mas a clivagem tem permanecido: ou o texto etnológico foca nas crianças, ou não as tem como interlocutoras. Este texto é uma proposta para – usando uma frase que ficou clássica – levar as crianças, seus afazeres, seus olhares, suas falas e seus conhecimentos a sério na etnologia. É uma proposta que busca demonstrar que as crianças indígenas têm muito a ensinar sobre seu povo, seu mundo, e ontologias (Cohn, 2021).

Isso se deve a forma como a sociedade nacional entende o universo das crianças e o papel que elas desempenham na sociedade.

Recentemente vários estudos têm se dedicado a compreender esse universo. O antropólogo Levi Marques Pereira, estudou o universo das crianças na sociedade Kaiowá. Para ele:

A criança recebe uma educação que lhe permite grande liberdade para seguir as motivações de seu desejo de descobertas. Os Kaiowá acham normal que a criança seja curiosa, inquieta e interessada por tudo que representa novidade. Existe um provérbio que diz “*ñande mitãramo, opa rupi ñende jaikó*”, cujo significado é “quando somos crianças, vivemos por toda parte”. As crianças dão conta de tudo que acontece na aldeia, e são fonte inestimável de aprendizagem para o visitante. São também as que primeiro dele se aproximam, seja ele pastor, antropólogo, vendedor ou político (Pereira, 2002, p.170).

Esse tema é importante por vários motivos. Primeiro porque minha educação, como criança Guarani que nasci e fui criado no Tekoha aconteceu da maneira como vamos descrever

e analisar. Desde jovem comecei a trabalhar na escola, no colégio *Teko Ñemoingó*, local que estudam apenas alunos Guarani, e percebi que havia uma grande diferença entre a forma como nosso povo ensina e a forma como a escola ensina. Sendo assim, decidi pesquisar e registrar o processo que ocorre com nosso povo. O segundo motivo é porque ainda hoje nosso povo segue educando dessa maneira, apesar de toda dificuldade de conseguir espaços adequados para viver. Educação é parte de nossa territorialidade, sem território com as condições de vivência, não há como reproduzir todos os ensinamentos que aprendemos, precisamos nos adequar aos novos cenários. De todo modo a cultura é dinâmica, ela sempre vai incorporando novos elementos e deixando elementos do passado, porém o processo colonial intensificou esse cenário. É importante também porque precisamos pensar a educação escolar para nosso povo e entender como ela dialoga como nossa forma, dita “tradicional” de educar.

Não é nosso propósito fazer estudos comparados, mas, como trabalho acadêmico algumas comparações serão importantes porque poderá auxiliar na compreensão da relação entre esses dois universos - o escolar e o próprio. É verdade que a lei garante e nossos professores fazem um grande esforço para transformar a escola em uma educação que seja mais próxima possível do modo Guarani de educar, mas, para começar a conversa, podemos afirmar que são dois mundos, separados por muitas barreiras, que se encontram as vezes nas pontes da resistência.

A educação não ocorre de maneira abstrata nem desconectada de contextos específicos, mas está vinculada a esses contextos, os quais queremos apresentar a fim de compreender por que a educação mudou ao longo do tempo. Desse modo e por se tratar de um curso de História, como formação em licenciatura, faremos uma abordagem historiográfica, vinculando ao tempo e espaço do território do povo Guarani, ou seja, educação territorializada. tempo, espaço e território que são ancestrais, para isso recorreremos de nossos *chamõi e charyi* (literalmente avô e avó, mas que chamamos de nossos sábios) que escutaram as histórias antigas e tramitaram essas histórias. Essa sabedoria milenar é parte fundamental de nossa educação, oralidade que em alguns momentos se transformou em escrituras.

Como fonte usaremos dos conhecimentos próprios, do que nos contaram e das nossas experiências, mas também faremos uso de obras de pesquisadores indígenas e não indígenas que abordaram sobre o tema. Metodologicamente a história indígena nos ajuda a compreender as categorias próprias e teorizar sobre o tema. Bartomeu Melià foi uma pessoa que deixou um grande legado de estudos sobre a educação tradicional Guarani. El conviveu por diversos anos com nosso povo e se aproximou bastante do conhecimento próprio Guarani. Ainda em 1979,

Melià (1979, p. 10), já fazia questão de separar o que era educação dos povos indígenas dita tradicional e educação escola. Para ele

A educação indígena é certamente outra. Como vamos ver, ela está mais perto da noção de educação, enquanto processo total. A convivência e a pesquisa mostram que para o índio a educação é um processo global. A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. O fato dessa educação não ser feita por profissionais da educação, não quer dizer que ela se faz por uma coletividade abstrata. Os educadores do índio têm rosto e voz; têm dias e momentos; têm materiais e instrumentos; têm toda uma série de recursos bem definidos para educar a quem vai ser um indivíduo de uma comunidade com sua personalidade própria e não elemento de uma multidão. A educação do índio, nesse sentido, não é geral e muito menos genérica. A educação do índio é menos parcial do que a nossa, aplicando-se ao ensino e aprendizagem do modo de satisfazer às necessidades fisiológicas, como à criação de formas de arte e religião. Nem por isso se tem que pensar que o processo seja indefinido nos seus aspectos. Tem-se aspectos e fases da educação indígena que requerem mais tempo do que outros, mais esforço, mais dedicação, tanto no ensino, como na aprendizagem.

Essa contribuição de Melià é importante porque ajuda a fortalecer nossas ideias (teorias), elas dialogam com o que pensamos e como agimos. Ele demonstra também que a educação de nosso povo não é feita de qualquer modo, ela tem métodos, tem lugares e tem conceitos. A educação escolar também é tradicional, mas tradição do mundo ocidental, que ao longo da história foi simplesmente imposta e que na atualidade aos poucos vamos tentando nos apropriar. Esses aspectos que pretendemos realçar no artigo, mas antes iniciarem contextualizando o território, sem ele não há Guarani.

Destacamos também a contribuição de história indígena nesse percurso acadêmico que estamos fazendo. A história Indígena tem significação contribuição para rever o método e a relação com os povos indígenas. Fazemos menção contribuição metodológica da História Indígena e como ela tem contribuído para compreender os povos como sujeitos históricos.

A História Indígena vem se constituindo como um processo específico de compreender o tempo/espço cuja “racionalidade humana” proposta por Carr (1982), precisa ser enfrentada e entendida a partir de outras dimensões que não apenas o da razão (ou o da racionalidade científica), na perspectiva da filosofia Hegeliana. Tendo em vista que as teorias da História são herdeiras da tradição filosófica ocidental, por certo entendemos que esta influenciou aquelas, através dessa concepção da negação de que os indígenas também poderiam ter e fazer história, influenciando os intelectuais a se pautarem pela perspectiva de adequação dos conceitos indígenas à historiografia ocidental (Corrêa, Brighenti, 2020).

Ainda no tema da metodologia trazemos a contribuição da pesquisadora indígena Mahori Linda Tuhiwai Smith (2018, p.12). Linda argumenta que os povos indígenas possuem outras histórias, e “que não apenas questionam a natureza desses ideais e das práticas que eles tem gerado, mas também servem para proferir um relato alternativo; a história da pesquisa ocidental através dos olhos dos colonizadores. Essas outras-histórias são poderosas formas de

resistência”. Histórias que resistem porque não foram dominadas pela epistemologia das sociedades ocidentais e seguem sendo vivenciadas nos cotidianos dos povos indígenas e não na academia.

As mudanças e as continuidades

O povo Guarani defini o seu lugar não como aldeia, comunidade ou outro termo do mundo ocidental. A definição é *Tekoha*. *Tekoha* é uma palavra composta de *Tekó* + *ha* - ‘*tekó*’, como dito acima, quer dizer cultural tradição, modo de vida, e ‘há’ é o lugar, desse modo *Tekoha* pode ser traduzido como lugar onde se pode viver o modo de vida próprio. Isso não significa que qualquer lugar seja possível, mas a escolha do mesmo está associada a um conjunto de fatores, dentre eles que ofereça condições de viver bem, de se sentir com *Vya* (tranquilidade).

Ambientalmente ele precisa ter terra boa, adequada ao plantio, porque nosso povo é agricultor e temos muitos tipos de plantas que são sagradas, em especial os *Pohã* (plantas medicinais) e os *Temitỹ* (plantas comestíveis). Essas plantas como o *Avatiete’i* (milho verdadeiro) são para nosso uso, não podem fazer parte do mundo do Juruá (não indígena), não são para serem vendidas. O *Avatiete’i* é alimento e faz parte do sagrado, porque é usado nas nossas cerimônias de identificação do nome das crianças, denominada *Ñemongarai* traduzido como batismo. Quando falamos em identificação do nome, já alertamos para um aspecto central no ensinamento de nossas crianças. O nome de uma criança Guarani não é dado, mas revelado. Quando a criança começa ficar em pé, é feito o ritual do *Ñemongarai* em que o *oporaiva*, com uso de plantas sagradas como *Avatiete’i*, *petỹ* e outros, entra em contato com as divindades para saber de onde vem o *ñe`e* (a alma/espírito) da criança. Ao descobrir a alma, que é o próprio nome, a criança passa a ser chamada de modo e seu nome determina a vida dela. Não se trata de saber o que vai ser quando crescer, mas o que ela é. Suas funções sociais e religiosas, seu comportamento, sua relação com a sociedade estão definida pelo nome. Por esse motivo esse rito do *Ñemongarai* é muito importante e ele precisa dos elementos da terra.

A terra precisa ter mata, quando maior, mais preservada melhor. A mata não é só um lugar para admirarmos sua beleza, mas ela faz parte do mundo das pessoas. Na mata tem espíritos, cada árvore tem seu espírito protetor e eles vivem em sintonia com os humanos, numa relação de interdependência. Três tipos de árvores fazem a conexão direta entre o mundo da terra e o mundo das divindades (que pode ser traduzido como céu), que são o Cedro, a Palmeira e a Erva-mate. A mata precisa existir, como os humanos precisam existir, ninguém tem poderes

sobre o outro, nem o direito de destruir o outro, essa é a vida em harmonia. Quando precisamos abrir lavouras novas ou usar árvores para construção, lenha etc. é possível, mas ele ocorre que maneira equilibrada, com respeito e somente se usa o necessário.

Podemos associar com a pesquisa realizada por Gilmar Tupã Re Sapy Chamorro (2024) no qual diz o seguinte:

Não só apenas as árvores, mas sim todos os elementos que Deus deixou (ñanderu oheja va'ekue). As rochas, a água, os animais e a terra ela tem o seu guardião e todas elas são importantes para nós. Nunca sendo pensada de forma separada, ou seja, na cosmovisão guarani todos os elementos naturais são integrados e, em nenhum momento, o ser humano é visto como o mais importante que os demais elementos. Todos os elementos são fundamentais para os guaranis manterem a sua cultura, ou seja, o teko porã que é o bem viver guarani.

Portanto, o ser humano segundo os povos indígenas, nunca terá uma visão igual à dos não indígenas, pois a forma que os indígenas veem o seu mundo é coletivo, sempre vivendo em harmonia com a natureza.

Tekoha também pressupõe condições de viver, com ar puro, sem ruídos, sem interferências externas, de preferência afastado das cidades. Melià (1987) mencionou algo que concordamos que o *Yvy Marãe y* (traduzido como terra sem mal) é a próprio Tekoha com todas as condições de vida. Não seria um lugar afastado da terra, mas a própria ecologia.

A terra também precisa ser sonhada. O sonho não é necessariamente realizado no ato de dormir, mas de sentir, de tocar de cheirar de respirar. Esse ato é também feito pelo nosso líder religioso. A Terra dialoga com o nosso *oporaíva* que mostra pra ele suas virtudes que são aceitas ou não pelo *oporaíva*. Em aceitando realiza-se um processo de simbioses entre humanos, ecologia e mundo espiritual.

Portanto, a existência do Tekoha é fundamental, sem o Tekoha não é possível existir o *tekó*.

No caso do Tekoha Ocoy observamos que ele não reúne todas essas condições descritas acima. Ele foi criado em junho de 1982 quando estavam para ser fechadas as comportas da Itaipu Binacional – que se considera a maior produtora de energia elétrica do mundo e a promotora do “progresso e desenvolvimento” regional– e precisa retirar famílias guarani que viviam em seu Tekoha. Portanto não foi uma terra sonhada, foi uma solução para a represa não perder seu prazo de fechamento das comportas. Nosso povo foi forçado a aceitar a proposta, porém, exigiram se manter coletivamente. A Itaipu ofereceu uma terra de 251 hectares, distante cerca de 20 km do rio Paraná, que a denominaram Tekoha Ocoy. Com o enchimento do lago, essa terra ficou na margem dele, numa projeção de 7 km de comprimento por pouco mais de

200 metros de largura. Uma terra minúscula comprimida entre o lago e a lavoura envenenada do agronegócio.

Neste local nos organizamos política e culturalmente, não apenas as famílias que haviam sido indenizadas, mas aquelas gentes expulsas dos 19 *tekoha kuêra* alagados pela Itaipu. Começou com 19 famílias, cerca 90 pessoas, hoje temos mais de 1000 pessoas vivendo no Tekoha. Com isso reduziu a mata, a terra enfraqueceu e todos os dias recebemos uma carga de veneno das lavouras vizinhas, perdemos também a tranquilidade.

A escola foi organizada naquele mesmo ano de 1982 pela comunidade. Teodoro Tupã Alves (2020), que foi professor naquela época, lembra que a “liderança já tinha organizado o espaço educacional como a escola”, mas foram impedidos pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) porque a Funai nos considerava tutelados. “Era uma escola cedida pela Funai, totalmente ao contrário do que a comunidade achava que tinha que ser a escola indígena. Na verdade, nem se chamava escola indígena, se chamava ‘escola da Funai’. A Funai que era responsável por isso” (Alves, 2020, p. 142).

Apesar do Ocoy não ter as condições ideais, é o que nos resta. Nosso povo entende que está passando por uma jornada difícil e que precisa enfrentar com muita determinação, aquilo que os Juruá chamam de resiliência.

Conceitos, métodos e lugares

Conceitos

Para iniciar as conceituações primeiro precisamos dizer o que é ser criança para os Guarani. Entender como são tratadas em casa, na comunidade, se existem diferentes idades, os níveis de autonomia, passagem para a vida adulta. Enfim, são informações importantes que ajudam a entender os princípios educativos de nosso povo.

A criança é como se fosse o defensor do povo Guarani, é a criança que anuncia a continuidade da existência da humanidade. O *chamõi* (avó como sinônimo de sábio) fala que enquanto nascem crianças ainda temos esperança de continuar vivendo. Por esse motivo quando nasce uma criança é uma festa, é um sinal de esperança. Isso se deve ao fato de que na nossa concepção filosófica, um dia o mundo será destruído e toda humanidade desaparecerá. O próprio *Ñanderu* (divindade) um dia vai acabar com o mundo, e o primeiro sinal da destruição total é a criança parar de nascer. Porque aí a destruição é natural e as crianças não sofrem, porque não estariam contaminados com as maldades dos adultos. Por esse motivo elas tem um destaque importante nas famílias e na comunidade, representando a existência humana como vontade divina.

Nosso povo sabe que a criança é um ser muito mais inteligente do que os adultos. Trago exemplo de meu filho, ele conhece meu pensamento e sabe o que eu penso sobre ele, ele sente muito mais as coisas que acontecem. Então cuidar da criança é muito importante, porque elas são nossas defensoras, elas não estão contaminadas com o mundo, seja com maldades ou outros tipos de coisas más que possam ocorrer. Como crianças são inocentes, mas não significa que sejam inacabadas, incompletas ou imaturas, ao contrário essa inocência é a pureza em pessoa e devido essa pureza elas têm o poder de se comunicam diretamente com *Ñanderu*. As crianças são autônomas, não possuem dependência. Essa autonomia nem sempre é bem-vista pelos não indígenas que pensam que são malculadas, ao ver as crianças andando sozinhas na rua, tomando banho, subindo em arvores etc. mas é assim que educamos. O mal da humanidade não atinge nossas crianças. O Guarani entende que a criança não precisa ser cuidada toda hora ele já nasce com conhecimento para sua vida ao ponto de ensinar os mais velhos como é a vida. A criança sabe mais que a gente, já vem com a missão de salvar é salvar o mundo.

O que define ser criança ou adulto é a experiência adquirida. Nós nunca marcamos a idade, até hoje se perguntar para uma pessoa velha quantos anos ela tem ela não vai saber responder porque não tínhamos costume em marcar o tempo. Hoje as gerações mais novas costumam medir o tempo em anos, porque precisam estudar, fazer documento e participar do mundo dos Juruá. Mas, o que define a passagem entre criança e adultos não é medido em anos, mas na experiência adquirida. Para se casar, não é idade que define, tipo a necessidade ser de maior, ter 18 anos. No caso dos meninos quando sabem pescar, construir casas, cultivar a terra já é adulto e pode se casar, porque ele demonstra que tem capacidade de constituir uma família. Para atestar a distintividade costumamos marcar com pinturas corporais, um menino que tem pintura de peixe no rosto significa que sabe pescar e pode se casar. Ouvimos dos *juruá kuéra* (não indígenas) que os jovens guarani casam cedo, mas o que é cedo? Isso vale para o não indígena, mas para nós quando a pessoa sabe construir uma casa, caçar e pescar ele já está pronto para constituir e sustentar uma família.

Quando a criança nasce chamamos de *mitã*, depois fica *mitã karia'y* para os meninos e *mita kunha* para as meninas e depois já vem o *tujá* (adulto), ou seja, temos apenas três fases da vida.

Como dito acima, as pessoas Guarani não “se chamam”, elas são. Os *chamõi* recebem conhecimentos de diferentes lugares, temos diferentes tipos de líderes espirituais, mas nem todos fazem o bem. Existe uma categoria que chamamos de pajé que recebem o ensinamento do *taguató* (Gavião), e se ele revelar o nome da criança, significa que esse nome é fraco, podendo levar ao falecimento da criança, porque o pajé entrega o *ne`e* (palavra/espírito) da

criança para o *taguató*. Tem outra categoria de *chamõi* que recebe o conhecimento de Tupã, que é o próprio Deus. Ele tem que muito cuidado no batismo. Por isso não se pode batizar com qualquer líder espiritual, é preciso conhecer, precisa saber com quem se está batizando. não é só batizar com qualquer um que a criança vai ter o seu nome verdadeiro.

O batismo é o rito mais importante na vida de um Guarani, porque quando o *chamõi* batiza, a criança já leva o nome até o fim da vida. Nós acreditamos que cada criança já vem com o nome que o Ñanderu deu para ele. Se a criança recebe um nome que não é o dele, ele pode adoecer e poderá regressar do lugar de onde veio.

Métodos

A criança aprende fundamentalmente pela imitação. Por exemplo, se os pais trabalham muito na roça plantando, colhendo, conseqüentemente o filho também vai crescer assim. Então no geral as crianças se espelham nos mais velhos, em geral nos pais. Da mesma forma que na comunidade, tudo é muito prático, não temos as teorias, ou melhor, nossas teorias são as práticas. Não é costume alguém dizer como ensinar a crianças, porque é automática, basta fazer bem-feito que as crianças vão saber repetir as coisas boas, e ter a sabedoria suficiente para ser bons adultos. Valorizamos a convivência.

Primeiramente quando a criança recebe arco e flexa de brinquedo eles já vão aprendendo a usar. Quando cresce eles acompanham os adultos nas casas e ele vai aprendendo com que estão realizando. Por isso o Tekoha é muito importante porque é ele que gera a segurança para a criança crescer com sabedoria. Por outro lado, quando o Tekoha está destruído, ou limitado, que os pais precisam trabalhar longo dos filhos e não existe convivência as crianças terão muito mais dificuldade de aprender. Aprende na prática vendo os adultos praticando as atividades, por isso hoje a escola exerce uma influência bastante grande no método de ensinar, porque quase metade do tempo estão na escola e aprendem com os professores, coisas que não fazem parte do cotidiano do Tekoha.

A responsabilidade de cuidar das crianças é de toda comunidade. Caso os pais faleçam ou se separam, a crianças escolhe com quente quer viver. Sabemos que hoje tem as leis externas que determina com quem deve ficar, no geral com algum parente, mas pra nós a criança tem o direito de escolher com quem deseja viver, com quem vai seguir caminhada. A criança tem autonomia de escolher com quem quer viver e seguir na caminhada. A criança tem autonomia, em quase tudo na vida, eles sabem com quem eles têm amis afinidade. As vezes com os familiares não tem afinidade. Parece contraditório para os não indígenas, mas é assim que funciona.

Na casa de reza não tem a formalidade que existe na escola. Cada pessoa tem o direito de levantar e falar sua opinião, desde crianças, maninas, meninas, não tem essa formalidade. As meninas podem comentar e dar sua opinião. Não tem essas coisas de horário começa até tal horário. Na escola formal não. Por isso que na escola forma as crianças se sentem muito preso, tudo precisa pedir pra sair. Na casa de reza todos tem direito de dar sua opinião, não tem um que ensina e outro obedece.

Um método importante no ensino tradicional Avá-Guarani é o uso da oralidade. Os conhecimentos são transmitidos de forma oral, por meio de histórias, cantos e rezas, o que reforça a importância da palavra e da sabedoria dos *chamõi* e *charyi kuera*. Na oralidade, uma prática educadora é o testemunho (Imitação e práticas): a aprendizagem ocorre pela observação e prática, onde a criança imita os mais velhos, isso se observa até nós passos coreografadas de dança na casa de reza, acima de tudo, para adquirir as habilidades necessárias para a vida em comunidade.

Destacamos também a espiritualidade e rituais como métodos: a educação tradicional está intrinsecamente ligada à espiritualidade Avá-Guarani, com rituais, cantos e cânticos que expressam a relação entre os indígenas, a natureza e o *Ñanderu*. Na cosmovisão de nosso povo a educação considera a criança em sua totalidade e em totalidade e em relação com o ambiente em que vive, valorizando a terra como um bem comum e parte integrante da família.

Não ensinamos a partir das teorizações, mas de um aprendizado prático: para desenvolver habilidades, os Ava-Guarani utilizam a própria mão e pé para medir o espaço para plantio e construção de moradias, adaptando – se às necessidades da vida cotidiana.

No contexto comunitário a educação não se restringe a um espaço delimitado ou fechado, mas se configura como um processo social que envolve comunidade, os pais, as lideranças e os líderes espirituais.

Na comunidade Avá-Guarani, as crianças têm um papel importantíssimo de preservar a cultura e tradição, participando de atividades cotidianas da comunidade, aprendendo habilidades e conhecimentos essenciais que permitisse a do seu povo. As crianças aprendem habilidades, comportamentos sociais e princípios culturais por meio de brincadeiras e tarefas diárias, integrando-se naturalmente a vida produtiva e participativa do grupo. Elas acompanham e observam atentamente os seus pais e outros adultos em atividades como pesca, caça, construção de moradias, manejar as roças, preparar as armadilhas etc.

Neste sentido, brincar para as crianças guarani é coisa séria, pois é um dos meios de aprender habilidades futuras os exemplos são, confecção de arco e flechas, cestaria, potes e o conhecimentos ancestrais sobre as pinturas corporais.

A interação é convivência com as pessoas de mais idades ensina às crianças Guarani sobre a ética, o comportamento adequado, respeito às relações familiares e comunitárias, e seu papel dentro da sociedade em que vive.

Os Ava-Guarani sempre realizam o ritual de passagem para crianças quando vão passar de criança para a vida adulta. As meninas na primeira puberdade ficam confinadas durante 15 dias numa cabana construída especialmente para ela e são cortados os cabelos, nenhum homem, e nenhum tipo de animais podem olhar para ela, só a mãe a vê nesse período pois ela é quem leva a comida para ela a base de peixe e bebida a base de milho (*kanvijy*) sem nenhum tipo de gordura. Isso se pratica para evitar o *jepota* que é a crença de que o espírito de animais se apodera do espírito da criança em primeira puberdade. No caso do menino se segue o mesmo ritual, só o pai pode ter contato visual com ele pois ele é quem leva os alimentos para ele sem nenhum tipo de gordura

Lugares

Não há lugar específico para desenvolver o ensinamento das crianças. Na nossa cultura conhecimento acontecem no dia a dia e em todos os lugares. na comunidade, a criança conviva com os adultos, principalmente com os pais e avós.

A *oga guasu* (casa de reza) é um espaço muito importante porque geralmente os *chamõi* e *charyi* falam da vida, explicam como as pessoas, as crianças podem ter longevidade na vida. Na *oga guasu*¹ não acontece essas coisas de aprender caçar e pescar. No *oga guasu* é aprendido sobre a vida, de onde viemos para onde vamos, o que precisa fazer para ser uma boa pessoa Guarani. Mas a prática acontece no dia a dia na comunidade, vendo os pais, os pais trabalhando no coletivo.

Para nós Guarani a educação é dada para a sobrevivência e não para a competição. O indígena que não sabe trabalhar não vai sobreviver. Mas não como competição que um tem que ser melhor que o outro, que um tem que perder para outro ganhar. Aqui funciona na coletividade, para seguir com ele, e não para deixar pra traz. E educação é para trabalhar na coletividade. Eles fazer uso dessa prática até na escola, uma criança que tem dificuldade na matemática vem o outro e ajuda. Não tem essa regra de passar a perna no outro.

As crianças indígenas são ensinadas a viver o presente, não tem essa preocupação com o dia de amanhã. A manhã é outro dia. Até na questão financeira, porque o indígena não guarda o dinheiro, porque quando ele recebe gasta tudo, amanhã vai lutar de novo. A criança não é ensinada a pensar no futuro porque pra nós o futuro é o hoje, temos que viver bem todos os dias.

¹ Oga guasu também é a denominação que os Ava-Guarani atribuem a casa de rezas. Se ela for toda fechada é denominada Opy. No MS os Kaiowá fazem uma construção maior, com teto até quase o chão, que é denominada Oga Psy.

Na escola é um choque de realidade, porque sabemos que a maioria das escolas, os professores são de fora, são não-indígenas. A criança desde que nasce só fala em guarani com os pais, então quando vai para escola não se sente bem, porque precisa falar em português e manter um comportamento que gera um choque de realidade. Ela chora muito quando vai para escola. Com quatro anos as crianças ainda têm muita ligação com a mãe, muitas mamam ainda com 4 anos. Quando vão para escola eles sofrem muito.

Também posso falar de minha experiência de educação. A educação em casa, eu aprendi as coisas com minhas famílias. No meu caso quem me criou foi minha mãe. Ela sempre fala como podemos ir bem, tem boa vivência. Ela fala de como viver em grupo. A nossa mãe é nossa maior força que nos motiva. A gente se reúne pra tomar chimarrão, aí rola muita história de como viviam nossos avós nossas bisavós. Descobri que meu bisavô participou da guerra do Paraguai com a Bolívia. Então, educação é assim, acontece na beira do fogo, tomando chimarrão. Ela acontece desse modo.

Considerações finais

Interessante observar que nos escritos de outros pesquisadores não indígenas, junto ao povo Guarani encontramos descrições muito semelhantes das que relatamos aqui. A antropóloga Antonella Tassinari na obra *Concepções indígenas de infância no Brasil*, fez uso dos trabalhos de Flávia Mello (2006), que pesquisou junto ao povo Guarani, no caso os Mbya, e observou que a noção Guarani de infância difere radicalmente daquela ocidental que considera as crianças como “seres em formação”. Ela fala da autonomia que existe no mundo Guarani, que a criança é vista como um ser de fato, portador de um espírito que precisa ser cativado para ficar na terra. A criança que surge carnalmente no ventre materno traz uma essência de vida (*angüie*) que é transmitida pelo sangue dos pais e carrega os fenótipos. Tassinari segue explicando que também é referida na literatura como uma alma telúrica (ã). Mas há ainda o espírito (*ñe’e*) que é transmitido pelos deuses ao feto e que o torna humano. A origem dessa alma divina é reconhecida pelos rezadores no ritual de nomeação. Há *ñe’e* novos e antigos: os novos são mais agitados, adoecem muito e são mais facilmente “capturados” por espíritos “*ayviradjá*”, levando a criança à morte. Já os *ñe’e* antigos são mais centrados, circunspectos, não nascem com conhecimentos, mas buscam-no com mais frequência e profundidade. É desta forma que as atitudes das crianças são respeitadas e sua autonomia pela busca de conhecimentos é reconhecida, havendo esforços dos adultos para que o *ñe’e* tome gosto pela vida e permaneça entre nós.

Ao longo do texto Tassinari chama atenção para três aspectos que exigem muito= a responsabilidade no trato das concepções indígenas de infância: “a) reconhecimento de que ainda temos poucos dados etnográficos; b) necessidade de deixar de lado nossa visão de infância e os estereótipos sobre a candura ou a crueldade indígena; c) reconhecimento da diversidade sociocultural indígena e do caráter provisório das generalizações” (Tassinari, 2007).

Na sequência a autora fala de cinco aspectos que são comuns nas concepções indígenas sobre a infância:

- 1) o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão;
- 2) o reconhecimento de suas diferentes habilidades frente aos adultos;
- 3) a educação como produção de corpos saudáveis;
- 4) o papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas;
- 5) o papel da criança como mediadora dos diversos grupos sociais.

O ensino tradicional Guarani é uma educação transmitida por meio da oralidade, imitação/testemunho e treinamento, com ênfase na espiritualidade, no respeito às tradições e *nhande reko* (nosso costuma) do povo Guarani.

A educação se dá em processo contínuo, que integra a vida comunitária, a religiosidade, a relação com a natureza e o aprendizado de técnicas ancestrais, como a mediação com o corpo, para desenvolver a autonomia e a identidade cultural Guarani.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. 167 p.
- ALVES, T. T. Entrevista. In C. A. BRIGHENTI e O. OLIVEIRA (Orgs.). **Imagem e Memória dos Avá-Guarani Paranaenses**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.
- COHN, Clarice. O que as crianças indígenas têm a nos ensinar? O encontro da etnologia indígena e da antropologia da criança. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 31-59, maio/ago. 2021
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. Cosmologias guarani e educação escolar: um estudo a partir do contexto do oeste do Paraná. **Aula: Revista de Pedagogia de la Universidad de Salamanca**, ISSN 0214-3402, Nº 28, 2022.
- CORRÊA, Aline D.; BRIGHENTI, Clovis A. Novas metodologias para um velho problema: os indígenas fazem história. In. SILVA, Rosângela, GERALDO, Endrica. **Histórias Transnacionais: O Sul Global em Perspectiva**. Naviraí: Aranduká, 2020.
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Sobre os conceitos de Etnoistória e História Indígena: uma discussão ainda necessária. **XXII Simpósio Nacional de História** – João Pessoa, 2003. pp. 01-08. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177543_7aeb72696fef11d8030359addc808eea.pdf. Acesso em: 11 de outubro de 2020.
- MELIÀ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola. 1979.
- MELIÀ, B. **Mundo Guarani**. Asunción: BID; Ministerio de hacienda. 2011.

MELIA, Bartomeu. **La tierra sin mal de los Guaraní: economía y profecía**. Paraguay: Brasil, 1987. (mimeo.).

PEREIRA, Levi Marques. No mundo dos parentes: a socialização das crianças adotadas entre os Kaiowá. *In*. LOPES DA SILVA, Aracy. MACEDO, Ana Vera L. S.; NUNES, Angela (org.). **Crianças Indígenas: Ensaio antropológico**. São Paulo: Global editora, 2002.

SMITH, Linda Tuhiiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora da UFPR, 2018. 239 p.

TASSINARI Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. **Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007 Campo Grande - MS